

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM LÍNGUA PORTUGUESA:**  
**PRÁTICAS DE ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS**

**SAMARA GOMES LOBATO**

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DA POLIFONIA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO NO QUE SE REFERE À  
LEITURA E À ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Belo Horizonte

2021

SAMARA GOMES LOBATO

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DA POLIFONIA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO NO QUE SE REFERE À  
LEITURA E À ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Monografia de especialização apresentada ao Curso Especialização em Língua Portuguesa: Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Dr. Wander Emediato de Souza

Belo Horizonte

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

### ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA SAMARA GOMES LOBATO

Realizou-se, no dia 16 de setembro de 2021, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A contribuição do ensino da polifonia para o desenvolvimento do pensamento crítico no que se refere à leitura e à escrita na educação básica*, apresentado por SAMARA GOMES LOBATO, número de registro 2020654223, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Wander Emediato de Souza - Orientador (UFMG), Profa. Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG), Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki (UFMG).

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

( ) Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 16 de setembro de 2021.

Prof. Wander Emediato de Souza (Doutor)

Profa. Helcira Maria Rodrigues de Lima (Doutora)

Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Wander Emediato de Souza, Membro de comissão**, em 17/09/2021, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Lima de Abreu Aoki, Professora do Magistério Superior**, em 17/09/2021, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helcira Maria Rodrigues de Lima, Professora do Magistério Superior**, em 17/09/2021, às 12:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0919819** e o código CRC **CD261700**.

## **RESUMO**

O trabalho tem por objetivo colaborar com o ensino da Polifonia (Jaqueline Authier-Revuz – Oswald Ducrot) nas aulas de Língua Portuguesa, na educação básica, focando principalmente nos anos finais do ensino fundamental. A proposta é mostrar a contribuição que a abordagem desse conteúdo pode trazer para a formação dos estudantes, no desenvolvimento do pensamento crítico tanto nas atividades relacionadas à compreensão e à interpretação dos textual, em que o estudante poderá perceber os efeitos de sentido construídos nos textos a partir da polifonia, quanto nas atividades relacionadas à produção textual, em que o aluno poderá fazer uso da polifonia a fim de construir os efeitos de sentido desejados por ele.

Palavras-chave: polifonia; efeitos de sentido; ensino; heterogeneidade(s) enunciativa(s); Jaqueline Authier-Revuz; Oswald Ducrot.

## **ABSTRACT**

The paper aims to collaborate with the teaching of Polyphony (Jaqueline Authier- Revuz – Oswald Ducrot) on Portuguese Language lessons, in basic education, focusing mainly in the last years of elementary school. The purpose is to demonstrate the contribution that the approach of this content can bring to the qualification of the students, in the development of critical thinking both in the activities related to the textual comprehension and interpretation, where the student will be able to perceive the effects of meaning constructed in texts through polyphony, as well as in the activities related to text production, in which the student can make use of polyphony to construct the meaning effects desired by they.

**Keywords:** polyphony; meaning effects; education; enunciative heterogeneity(ies); Jaqueline Authier-Revuz; Oswald Ducrot.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>Polifonia</b> .....	<b>12</b>
	<b>2.1 Desenvolvimento do conceito</b> .....	<b>12</b>
	<b>2.2 Polifonia na educação básica</b> .....	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>Sugestão de Proposta Didática</b> .....	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>Considerações Finais</b> .....	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>29</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>30</b>

## 1 Introdução

O ideário de construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária sempre perpassa pela melhoria do acesso da população à escola e da permanência de todos nos anos escolares até concluírem as etapas referentes à educação básica e estarem preparados para ingressarem no ensino superior. Mas não basta apenas fornecer o acesso e a permanência, além disso o ensino deve ser ofertado em observância ao padrão de qualidade, garantindo ao estudante o alcance de aprendizagens necessárias para a sua atuação no mundo de forma plena, consciente, crítica e autônoma.

A Base Nacional Comum Curricular defende como primeira competência geral da Educação Básica justamente essa ideia, em que o aprendizado é visto como um dos caminhos para a autonomia que possibilita o entendimento do funcionamento da sociedade, a partir das reflexões acerca dos conhecimentos construídos, a fim de impulsionar e possibilitar mudanças. Para a BNCC o estudante deve aprender a:

“Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BNCC, 2017, p. 09)

O ensino de Língua Portuguesa, na educação básica, quando realizado de forma responsável e relevante, contribui significativamente para essa construção porque aborda as mais variadas possibilidades de manifestação da língua materna, capacitando os estudantes para perceberem o funcionamento da sociedade por meio da língua e para atuarem, também por meio da língua, sobre essa realidade a fim de transformá-la, contribuindo assim para a construção dessa sociedade “mais justa, democrática e inclusiva”.

Por isso, um dos concessos tanto nos documentos normativos de ensino de Língua Portuguesa, quanto na própria literatura dos autores que se dedicam a estudar a forma mais adequada de como esse ensino deve ser realizado, é o de que os usos da língua em situações reais de comunicação devem ser considerados, pois dessa forma o professor não só prepara o estudante para as práticas sociais da língua, como também colabora para despertar o interesse e a atenção desse estudante, que passa a perceber a importância e a utilidade do que está sendo estudado em sala de aula.

A atuação nas práticas sociais que demandam o uso da língua é uma exigência constante no cotidiano social. Essas práticas são variadas em nível de complexidade, de modo que algumas vão exigir uma atuação simples e outras uma atuação mais complexa.

O preenchimento de uma ficha de inscrição, por exemplo, exige um desempenho básico no uso da língua, pois nesse caso o que se solicita é o fornecimento de alguns dados, o que pode ser compreendido e executado facilmente pelo falante. Em contrapartida, a solicitação de produção de um texto acadêmico, por exemplo, exige um uso mais sofisticado da língua, em que o falante precisa ter um conhecimento mais aprofundado sobre o gênero textual em que vai escrever, as estratégias linguísticas mais adequadas para usar, as escolhas lexicais que melhor se encaixam nessa situação de comunicação, entre outras.

Além dessas atuações, mais pautadas na individualidade, há uma atuação coletiva de igual relevância, que não pode deixar de ser considerada, que é a que se refere ao exercício da cidadania. Atuar como cidadão, na forma plena desse ato, exercendo direitos e deveres, participando ativamente e criticamente das demandas sociais e políticas é uma forma de atuação que também passa pelos usos da língua. A autora Irandé Antunes, em seu livro *Aula de Português: encontro e interação*, afirma:

Não podemos, não devemos, pois, adiar a compreensão de que a participação efetiva da pessoa na sociedade acontece, também e muito especialmente pela voz, pela comunicação, pela atuação e interação verbal, pela linguagem, enfim. (ANTUNES, 2003, p. 15)

Ainda em defesa de um ensino de Língua Portuguesa, na educação básica, que considere os propósitos cívicos, a autora faz uma colocação que continua sendo relevante e atual. Ela diz:

O momento nacional é de luta, de renovação e incita à mudança, a favor de uma participação cada vez maior de toda a população e de um exercício cada vez mais pleno da cidadania. O professor não pode ausentar-se desse momento nem, tampouco, estar nele de modo superficial. O ensino da língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente. (ANTUNES, 2003, p. 15)

Sendo assim, as aulas de Língua Portuguesa podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária, justamente por promover o encontro do



estudante com as diferentes possibilidades de realização da língua. A partir da apropriação desse conhecimento, por meio da intervenção do professor na construção de saberes, o estudante se torna capaz de interagir nas práticas sociais que envolvem o uso da língua de forma consciente, com criticidade, com ética e com autonomia. Dessa forma, ao ler um texto o estudante terá a consciência de quais são os conhecimentos que ele deve acionar para compreender e interpretar, sabendo identificar as estratégias usadas na construção do texto e quais efeitos de sentido foram gerados a partir dessas escolhas. Não será mais um leitor inocente, que pode ser manipulado ou enganado, por possuir as habilidades/competências necessárias para atuar de forma plena e adequada diante da atividade de compreensão e interpretação de textos.

Do mesmo modo, ao se ver diante da exigência de produção de um texto verbal ou oral ele também saberá da necessidade de buscar as estratégias mais adequadas para dizer o que deseja, fazendo escolhas conscientes e eficazes para atingir o seu propósito. Seja para alcançar uma vaga na universidade ou num emprego, fazer a reivindicação pelo cumprimento de um direito, enfim, saber se posicionar por meio da escrita e da fala pode levar o estudante a alcançar melhorias e transformações para si mesmo e para o seu entorno, pois “assumindo a palavra eles podem ser autores de uma nova ordem das coisas”<sup>1</sup>.

A BNCC orienta para essa mesma direção ao definir como competências gerais o desenvolvimento dos estudantes no que se refere a capacidade de plena utilização das diferentes linguagens e a capacidade de assumir o protagonismo na sua vida pessoal e coletiva, fazendo escolhas que sejam alinhadas ao exercício da cidadania. O documento ainda define competências que se referem ao relacionamento entre as pessoas, numa promoção do respeito. Novamente, temos aqui o uso da língua, pois uma das formas mais eficientes de aprender sobre o outro e desenvolver a empatia é por meio do uso da voz ao falar/escrever de si e ao ouvir/ler sobre o outro. Destacamos aqui duas dessas competências a fim de mostrar a importância que o documento dá para o desenvolvimento pessoal dos estudantes no que se refere à convivência com os outros.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito um ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2017, p. 10)

---

<sup>1</sup> Ver Irlandé Antunes: *Aula de Português: encontro e interação*

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BNCC, 2017, p. 10)

Diante disso, os objetivos das aulas de Língua Portuguesa devem ser o de desenvolver no estudante todas as potencialidades comunicativas e argumentativas que vão dar a ele condições para atuar na sua vivência em sociedade, fazendo uso consciente da língua como ferramenta de mudança e de democratização de acesso a serviços, a espaços, a oportunidades, numa busca individual e coletiva por essa sociedade mais justa e mais igualitária. E também, o de contribuir para que os estudantes aprendam a desenvolver atitudes saudáveis nos relacionamentos com os outros, respeitando e aceitando as diferentes, priorizando o diálogo, a conduta ética e a prática da empatia.

No entanto, se por um lado temos a grande relevância do ensino de Língua Portuguesa nessa perspectiva que considera as práticas sociais de situações reais e a dimensão da democratização de oportunidades como um fator relevante a ser pensado, no entendimento que não importa qual seja a exigência de atuação, simples ou complexa, individual ou coletiva, as aulas de Língua Portuguesa devem preparar o estudante, de forma plena e satisfatória, para todas essas atuações que a vida cotidiana, escolar, profissional, social, política e pessoal exigem; por outro lado, temos a realidade que é muitos desafios.

Um dos maiores deles se refere diretamente ao próprio ensino de Língua Portuguesa, pois muitos alunos e responsáveis ainda acreditam que a gramática é o principal conteúdo das aulas, de modo que não conseguem perceber a abrangência de conteúdos, de habilidades e de abordagens que são da competência da disciplina de Língua Portuguesa. E dessa forma, também não conseguem perceber o impacto positivo que esse aprendizado pode promover em diferentes áreas de suas vidas. Por isso, o professor de Português precisa fazer com que os estudantes superem essa impressão, mostrando a eles a abrangência de possibilidades da abordagem do estudo da língua, partindo de realizações e interações sociais reais e despertando o interesse do estudante. Dessa forma, os professores podem atingir um propósito, chamado de ideal por Irandé Antunes, que é “o de contribuir significativamente para que os alunos ampliem sua competência no uso oral e escrito da Língua Portuguesa” (ANTUNES, 2003, p.14).

É necessário pontuarmos ainda que nem sempre as metas mais básicas são alcançadas, pois muitas vezes a escola falha até mesmo no preparo do estudante para as

interações mais simples. Um exemplo disso, pode ser verificado na seguinte situação: no final da etapa do ensino fundamental dois, mais precisamente no oitavo e nono ano, ainda há alunos que duvidam de suas capacidades de atuação enquanto falantes de Língua Portuguesa. É senso comum acreditar que os que sabem falar Português são aqueles que falam totalmente de acordo com a norma culta, sem cometer nenhum “deslize”, o que de fato é impossível. Mas esse tipo de pensamento, quando não desconstruído pelo professor, pode gerar insegurança nos alunos, que não conseguem responder confiantemente que sabem falar Português, o que deveria ser inadmissível nessa etapa da escolarização.

Num cenário que muitas vezes nem os resultados básicos são alcançados com sucesso, a união de esforços se torna um fator determinante para que mudanças aconteçam. É necessário que a sociedade, os governos, as escolas e os professores façam conjuntamente a parte que lhes cabe para contribuir para a melhoria do ensino e da educação. E é nesse objetivo, de contribuir, de modo geral, para os esforços na busca de uma educação de qualidade, e de modo específico, para o ensino de Língua Portuguesa na educação básica, é que esse trabalho é produzido. A proposta é a de desenvolver uma reflexão sobre a importância da discussão da polifonia, e das questões que estão em torno dessa problemática, para o ensino da compreensão e produção textual, apresentando possíveis abordagens pertinentes em aplicabilidade na sala de aula da educação básica.

A escolha por essa proposta de pesquisa se justifica porque a polifonia é um recurso muito usado na construção dos textos, podendo configurar a eles diferentes efeitos de sentido. Sendo assim, entendemos que o ensino desse conteúdo é relevante para as aulas de Língua Portuguesa, uma vez que compreender quais são esses efeitos de sentido construídos a partir das escolhas de uso da polifonia auxilia o estudante também no entendimento da motivação e intenção do texto. Além disso, é necessário que o estudante também saiba fazer uso da polifonia para os criar os efeitos de sentido que deseja, quando ele for o produtor do texto. Há ainda a relevância no que se refere ao ensino que considera os propósitos cívicos, já que a polifonia também assume um papel fundamental porque amplia as competências linguísticas dos estudantes, o que reflete nas suas atuações sociais e políticas.

A pesquisa se fundamenta ainda em três competências específicas de Língua Portuguesa, para o ensino fundamental, definidas pela BNCC, em que os estudantes devem apresentar após a conclusão dessa etapa educacional. Destacamos abaixo essas competências:

Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior protagonismo na vida social. (BNCC, 2017, p.87)

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (BNCC, 2017, p. 87)

Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias. (BNCC, 2017, p.87)

Dessa forma, vemos a relevância da proposta de pesquisa pois abordará a aplicabilidade da polifonia tanto para fins de leitura quanto para a de produção de textos, fazendo com que o estudante perceba que os textos veiculam sentidos a partir de estratégias de construção, entre elas está a Polifonia, que é objeto de estudo dessa pesquisa.

Os objetivos gerais dessa pesquisa são: (a) contribuir para o ensino da Polifonia nas aulas de Língua Portuguesa; (b) contribuir para a ampliação das competências linguísticas dos estudantes, no que se refere à leitura e à escrita de textos. Já os objetivos específicos são: (a) mostrar a relevância do estudo da Polifonia na educação básica; (b) propor a reflexão sobre a construção de sentidos que podem ser elaborados a partir da Polifonia; (c) propor abordagens para auxiliar os alunos na identificação dos recursos polifônicos na leitura dos textos e na utilização dos recursos polifônicos em suas produções textuais.

A metodologia adotada para o desenvolvimento desse trabalho é a de fazer um levantamento teórico no que diz respeito à Polifonia para fundamentar propostas de abordagens, com aplicabilidade em sala de aula, a fim de contribuir para o ensino prático do conteúdo. Assumimos, para isso, a perspectiva de ensino que considera a concepção de língua na sua dimensão interacional, por reconhecer que o estudo da língua só faz sentido quando se considera a sua realização em situações reais de comunicação, como explica Irandé Antunes:

“(...) a evidência de que as línguas só existem para promover a interação entre as pessoas nos leva a admitir que somente uma concepção interacionista da linguagem, eminentemente funcional e contextualizada, pode,

de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante” (ANTUNES, 2003, p. 41)

Na mesma direção, temos a Base Nacional Comum Curricular que assume como proposta de ensino de Língua Portuguesa a centralidade do texto, assim como outros documentos normativos anteriores, como por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais. Para a BNCC é a partir do texto que se pensa a definição de conteúdos, habilidades e objetivos a serem alcançados, cabendo ao componente de Língua Portuguesa “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BNCC, 2007, p. 67,68).

Sendo assim, considerando que ensino deve ser realizado por meio de textos, de forma contextualizada e com finalidades específicas, seguimos a orientação desses estudos e dos documentos normativos para propor possibilidades de abordagens a fim de desenvolver um trabalho relevante com a polifonia em sala de aula.

## **2 Polifonia**

### **2.1 Desenvolvimento do conceito**

O primeiro significado que geralmente é atribuído ao conceito de polifonia é aquele que a relaciona com a multiplicidade de vozes. Embora essa atribuição não esteja de todo errada, é necessário dizer que ela é simplista e não compreende outros significados e as especificidades que o termo adquiriu ao longo do tempo em diferentes correntes de pensamento. Abordaremos nesse capítulo a utilização do conceito e a que ele remete, com a finalidade de esclarecermos possíveis equívocos e de proporcionar uma discussão mais completa.

Essa abordagem é relevante porque consideramos necessário que o professor de Língua Portuguesa, da educação básica, tenha uma visão ampla desse percurso do conceito e a clareza na sua utilização, a fim de que seja possibilitado a ele fazer escolhas adequadas e pertinentes para fundamentar o seu trabalho em sala de aula, sem que haja conflitos teóricos.

O conceito de polifonia é utilizado em diferentes áreas do conhecimento, como, por exemplo, na música, na psicanálise, na literatura e na linguística. No entanto, a definição e a aplicação do conceito não se dão de forma homogênea, nem mesmo dentro de um

único campo. Por isso, faremos uma breve retomada do conceito empregado na música e na literatura a fim de mostrar as semelhanças e as diferenças que o conceito adquire na linguística.

O termo polifonia é empregado no âmbito da música para designar um estilo de obra musical, que surgiu na idade média, em que faziam parte da composição mais de uma melodia. De raízes populares, a polifonia se opôs ao canto gregoriano que era um estilo de música monofônica, ou seja, construído com apenas uma melodia. Mesmo quando havia mais cantores, o canto gregoriano era um canto realizado em uníssono, com todos os integrantes executando a mesma melodia.

Segundo Arthur Roberto Roman<sup>2</sup> foi no século IX que foram datados os primeiros documentos sobre a polifonia, em que uma segunda voz foi acrescentada ao canto monódico, de modo que cada cantor cantava uma voz diferente. No século XII os documentos mostram que, nesse momento, começa a aparecer uma polifonia em que há uma independência rítmica entre as vozes, já indicando uma diferenciação. No período gótico, outras formas de música polifônica foram desenvolvidas apresentando uma oposição ainda maior ao canto gregoriano, como o gênero “moteto”, composição em que a melodia é determinada pelas palavras.

A partir do século XIII as vozes dos motetos se diferenciam, de modo que numa mesma música, de forma simultânea, havia diferentes melodias e até mesmo vozes em diferentes línguas, tudo funcionando numa mesma composição. O moteto apresenta assim um traçado de linhas independentes e isso também se aplica aos textos das vozes, pois enquanto uma voz cantava uma exaltação à Virgem Maria, por exemplo, outra voz cantava uma exaltação a uma prostituta. Dessa forma, o moteto estabelece um “claro contraste com a uniformidade e a planura do canto gregoriano” (ROMAN, 1993, p.209).

Ainda, no âmbito da música, as composições polifônicas ganham mais complexidade no século XIV, em que “o intrincado entrelaçamento das vozes vai tornar impossível o entendimento das palavras” (ROMAN, 1993, p.209). Essa característica da música polifônica incomodou os compositores e o clero, pois o entendimento das palavras era impossível, de modo que a música homofônica, em que várias vozes cantam o mesmo texto fazendo-o compreensível, passou a ser privilegiada. A diferença é expressa na seguinte citação:

---

<sup>2</sup> Ver texto “O conceito de polifonia em Bakhtin – O trajeto polifônico de uma metáfora”

“Enquanto polifonia é uma multiplicidade de vozes independentes, imiscíveis e superpostas cantando textos variados, homofonia são várias vozes cantando simultaneamente o mesmo texto, subordinadas à harmonia que garante a unidade musical através dos acordes” (ROMAN, 1993, p.210)

Na literatura, Mikhail Bakhtin também empregou o conceito de polifonia ao analisar a obra de Dostoiévski e definiu o escritor como o criador do romance polifônico. A análise de Bakhtin sugere que no romance dostoiévskiano há uma multiplicidade de vozes que são ideologicamente distintas e que funcionam de maneira equipolente, ou seja, tem igual valor e não estão subordinadas ao discurso do autor. Nesse caso, os personagens apresentam vozes independentes, até mesmo contraditórias, sem que haja dominação por parte da voz do autor, pelo contrário, elas coexistem, como explica Vera Lúcia Pires e Fátima Andréia Tamanini-Adames:<sup>3</sup>

A voz do narrador não coloca as outras sob seu comando, mas requisita a voz do leitor para o diálogo e para entrar no entrevero dos vários planos ideológicos que são chamados para o romance, que é comparado a uma arena, com todos os pontos de vista em disputa e em igualdade de condição. (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 69)

Além disso, Bakhtin atribui outras características ao romance de Dostoiévski que também se relacionam com o conceito da polifonia, como a inconclusividade e o não acabamento, pois não há resolução dos fatos e a obra sempre está aberta ao diálogo e a interação. Para Roman há uma aproximação da polifonia empregada por Bakhtin com a polifonia da música medieval, ele diz:

Esses procedimentos artísticos especiais de construção do romance de Dostoiévski – a inconclusividade temática, a independência, imiscibilidade e equipolência das vozes – vão mostrar uma estreita similitude com as características da polifonia medieval, daí a utilização da metáfora. (ROMAN, 1993, p.210)

De uma forma mais ampla, que excede a análise apenas do romance de Dostoiévski, Bakhtin também diz que os enunciados tem como parte essencial a polifonia, pois todo texto apresenta diferentes vozes e são formulados a partir de mais de uma fonte. Essa noção, da multiplicidade de vozes, também aponta para a afirmação da democracia, já que nesse modelo de governo a ideia é que as diferentes vozes ganhem espaço e importância de forma igualitária para a construção de uma sociedade mais justa e mais plural.

---

<sup>3</sup> Ver texto “Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia”

Bakhtin desenvolve ainda o conceito de dialogismo, também percebido na construção da obra de Dostoiévski. Para Bakhtin a concepção de discurso é a de “linguagem em ação”, em que a língua é compreendida como um fenômeno social, de interação. (MARCUIZZO, 2008, p. 3) Dessa forma, o discurso não é individual porque a sua construção é realizada por meio de dois ou mais interlocutores, numa interação de discursos, que também são construídos a partir de outros, já formulados e ditos anteriormente (MARCUIZZO, 2008, p. 3). Por isso, o dialogismo “é entendido como a condição de sentido do discurso” (MARCUIZZO, 2008, p. 3)

Assim, o dialogismo está presente em qualquer produção, seja ela verbal ou não verbal, promovendo um movimento contínuo em que o sujeito é influenciado pelo meio, mas também age sobre ele transformando-o (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 68).

O sujeito de Bakhtin, construído pelo outro, é também um sujeito construído na linguagem, que tem por um projeto de fala que não depende só de sua intenção, mas depende do outro: primeiro é o outro com quem fala; depois o outro ideológico, tecido por outros discursos do contexto; ao mesmo tempo, o sujeito é corpo, são as outras vozes que o constituem Não há sujeito anterior à enunciação ou à escritura. O sujeito de Bakhtin se constitui na e pela interação e reproduz na sua fala e na sua prática o seu contexto imediato e social. (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 68)

É importante ressaltar que o conceito de dialogismo não deve ser confundido com o conceito de diálogo entre os interlocutores, porque a ideia do dialogismo é a de diálogo entre discursos e não entre sujeitos cara a cara. Do mesmo modo, o conceito de dialogismo também não deve ser confundido com o de polifonia, “pois o dialogismo é o princípio dialógico constitutivo da linguagem, enquanto a polifonia se caracteriza por vozes polêmicas em um discurso” (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 67).

Essas questões são abordadas nessa pesquisa porque elas são retomadas e pensadas a partir de uma outra ótica posteriormente, a da Linguística. Nesse âmbito, que é o que nos interessa diretamente nesse trabalho, temos dois nomes importantes: Jacqueline Authier-Revuz e Oswald Ducrot.

No texto *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)* a autora Jacqueline Authier-Revuz retoma as reflexões propostas por Bakhtin para tratar de um conjunto de formas que ela denomina de “heterogeneidade mostrada” explicando que a denominação se refere ao fato dessas formas “inscreverem o outro na sequência do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25), como por exemplo, “discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa e



discurso indireto livre”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25). Para o desenvolvimento do seu trabalho Authier-Revuz se apoia “nos trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26), nesse caso, a problemática do dialogismo proposta por Bakhtin, e também se apoia na abordagem que Lacan faz do sujeito e de sua relação com a linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

Embora o termo polifonia seja empregado no texto, Authier-Revuz não desenvolve o conceito. Logo no início a autora insere o termo num conjunto de outros em que ela chama de “complexidade enunciativa” que “dão conta de formas linguísticas discursivas ou textuais alterando a imagem de uma mensagem monódica” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25). Depois ela aborda as noções de heterogeneidade no sujeito e no discurso e é nessa reflexão que ela faz referência à polifonia como sendo uma constituinte do discurso. Ela diz:

Sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da pontuação do inconsciente. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28)

A autora desenvolve o que ela chama de “heterogeneidade constitutiva do sujeito e do seu discurso” discutindo questões já recorrentes em Bakhtin como o fato de que tanto os sujeitos quanto os seus discursos são heterogêneos, formados a partir da influência de outros sujeitos e de outros discursos. Assim ela defende que “constitutivamente no sujeito e no seu discurso está o outro” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29).

Authier-Revuz rejeita as abordagens que tomam o sujeito como “fonte e senhor do seu dizer”, defendendo que ele não é a única fonte daquilo que comunica, pois “toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito e que este é mais falado do que fala” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26). E, novamente, na perspectiva do dialogismo de Bakhtin, a autora aborda a não neutralidade da palavra, pois toda palavra traz em si os discursos em que “viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Desse modo, toda fala se constitui heterogênea, justamente por carregar aquilo que já foi dito, por carregar a palavra do outro:

O que Bakhtin designa por saturação da linguagem constitui uma teoria de produção do sentido e do discurso: coloca os outros discursos não como ambiente que permite extrair halos conotativos a partir de um nó de sentido, mas como um “centro” exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se

tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

A partir das reflexões sobre o sujeito e o discurso, ela descreve a heterogeneidade mostrada “como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26). Ela delimita sua análise no que se refere as formas marcadas dessa negociação, pontuando que essas noções trazem à tona a relação do sujeito com a linguagem, alterando a unicidade da cadeia discursiva e inscrevendo o outro no discurso por meio de marcas aparentes.

Ela comenta algumas dessas noções como um fragmento citado por meio do discurso relatado direto ou por meio de um termo metalinguístico, em que temos esses elementos sendo “nitidamente delimitados na cadeia discursiva” e “apresentados como objetos”, desse modo “é extraído da cadeia enunciativa normal e remetido a outro lugar” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29).

As aspas, o itálico ou a glosa inserida em um elemento do texto é “integrado à cadeia discursiva sem ruptura sintática”, por meio de uma espécie de destaque, e dessa forma “o elemento mencionado é inscrito na continuidade sintática do discurso ao mesmo tempo que, pelas marcas, que neste caso não são redundantes, é remetido ao exterior do discurso”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29)

Uma dupla designação é assim operada pelas formas da heterogeneidade mostrada: a de um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma alteridade a que o fragmento remete. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 30)

Ela destaca ainda outros elementos, que em relação ao discurso são considerados exteriores, mas que podem ser integrados a cadeia discursiva e que são definidos como pontos de heterogeneidade, como: outra língua, outro registro discursivo, outro discurso, outra modalidade de consideração de sentido, outra palavra, ou até mesmo, um outro, o interlocutor.<sup>4</sup> (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 30)

No campo da Linguística é Oswald Ducrot quem desenvolve a noção de polifonia propriamente dita. Embora faça referência a Bakhtin, o autor deixa claro que fez uma

---

<sup>4</sup> Ver a explicação mais detalhada de cada um desses elementos citados como pontos de heterogeneidade no texto, página 30.

extensão bastante livre do conceito bakhtiniano. Ele cita ainda o trabalho Jacqueline Authier-Revuz na apresentação da sua teoria polifônica (ROMAN,1993, p.214)

As reflexões de Ducrot sobre a polifonia tiveram origem no seu estudo da teoria da enunciação de Charles Bally, em que ele conseguiu observar “o diálogo que ocorre no interior do enunciado como encenação de diferentes vozes, aquelas dos enunciadores” (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p.163). Charles Bally entende a língua como um instrumento que permite que um pensamento seja comunicado por meio da palavra. Parte de Bally também a observação de que nem sempre esse pensamento comunicado é do sujeito falante, pois há a possibilidade de que não seja. A partir dessa leitura, Ducrot teve a inspiração para conceber a sua teoria linguística da polifonia (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p.163).

O conceito de pensamento também é um ponto de destaque em Bally, pois ele vai diferenciar esse conceito do de ideia, mostrando que nele há duas dimensões, o da representação e o da reação, pois “todo pensamento consiste em reagir a uma representação” (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p.164), desse modo “uma frase é pensamento e um pensamento é uma reação e uma representação” (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p.164). Retomando a questão de que nem sempre o pensamento comunicado é do sujeito falante, a dissociação entre sujeitos se torna fundamental para Bally, pois ele distingue o sujeito falante do sujeito modal, mostrando que eles podem ser divergentes quando há uma “distinção entre pensamento comunicado e pensamento pessoal de quem fala” ou podem ser coincidentes “quando o sujeito falante atribui a si mesmo um pensamento que no entanto não é o seu” (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p.164). Assim, Bally apresenta três casos possíveis:

1a) o pensamento comunicado é atribuído ao sujeito falante e corresponde efetivamente ao pensamento desse sujeito; 1b) o pensamento comunicado é atribuído ao sujeito falante, mas não corresponde ao do sujeito falante: fala desonesta ou não-séria; 2) o pensamento comunicado não é atribuído ao sujeito falante, logo, o sujeito falante é diferente do sujeito modal. (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p. 164, 165)

A partir dessas contribuições de Bally, Ducrot formula a ideia de que o sujeito falante nem sempre expressa no enunciado um pensamento seu e que esse sujeito pode ainda assumir determinadas posições e atitudes diante do conteúdo do enunciado, ou seja, pode discordar ou concordar. Dessa forma, Ducrot questiona a unicidade do sujeito

falante e propõe as figuras do locutor e do enunciador, associando a esse par outras figuras como do alocutário e do destinatário. (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p.166)

O locutor, na concepção de Ducrot, é o autor das palavras e recebe duas representações: locutor [L] e locutor [Y]. O locutor [L] é definido como sendo o responsável pela enunciação e as marcas linguísticas de primeira pessoa, como por exemplo, o pronome “eu” fazem referência a ele e o locutor [Y] é definido como um ser do mundo. Ambas representações são internas ao enunciado - são seres do discurso.

[L] é constituído no nível do dizer, através da forma do enunciado, e se representa como responsável pela enunciação; [Y] é constituído no nível do dito, através do conteúdo do enunciado, é o ser empírico do mundo, referido pelo enunciado, ou seja, representa a origem do enunciado (1987, p. 188). (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p.167)

Já a figura do enunciador é concebida como sendo a do agente dos atos ilocutórios, a ele é atribuída a responsabilidade pelos atos ilocutórios veiculados pelo enunciado do locutor. As vozes dos enunciadores, que não são explicitadas, expressam pontos de vista e cabe ao locutor organizá-los e se posicionar se identificando ou se opondo a eles, pois “na teoria da polifonia, o enunciado apresenta diferentes pontos de vista e o locutor toma atitudes em relação a esses pontos de vista” (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p.170)

A distinção proposta pelo autor ao que se refere a essas instâncias enunciativas é fundamental para analisar alguns fenômenos linguísticos, pois embora “na maioria das vezes, essas três categorias são assumidas ao mesmo tempo por quem profere um enunciado” (MAINGUENEAU, 1996, p.85), em outras situações isso não acontece, como por exemplo no discurso citado, na ironia ou na paródia.

É importante ressaltar ainda que nessa formulação de Ducrot a questão polifônica é tratada de uma forma em que a menção ao discurso do outro não é considerada, pois para o autor não há polifonia no discurso relatado, mas sim quando há vozes contrárias no discurso. Vemos, dessa maneira, que o conceito de polifonia empregado por Ducrot se difere daquele concebido por Bakhtin.

## **2.2 Polifonia na educação básica**

O trabalho com a polifonia e com as reflexões que perpassam por ela, na sala de aula da educação básica, pode possibilitar reflexões fundamentais para o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita crítica. O conceito empregado a fim de fundamentar atividades adequadas à faixa etária dos alunos das séries finais do ensino

fundamental pode contribuir para que a percepção do texto como sendo uma construção que se realiza a partir de outros textos se desenvolva ainda na fase em que os estudantes lidam com textos menos complexos. Do mesmo modo, ser levado a perceber que há mecanismos de inserção de outros vozes no texto, propositalmente, e que isso é um fator importante para o sentido, também desenvolve o olhar e a atenção do estudante para essas estratégias, o que contribui para o desenvolvimento de uma leitura mais atenta e uma escrita mais elaborada.

Uma observação importante é a de que os professores de Língua Portuguesa, da educação básica, enfrentam um desafio, quase cotidiano, que é o de produzir atividades adequadas aos seus alunos, considerando a faixa etária, o nível de conhecimento, as dificuldades individuais e coletivas, e fundamentá-las por meio das teorias pertinentes. Talvez o maior desafio seja o de conseguir empregar teorias complexas e fazê-las acessíveis aos alunos da educação básica.

Por mais desafiador que seja, o trabalho em sala de aula exige seriedade e comprometimento, de modo que não pode ser realizado sem estudo, sem planejamento ou sem fundamentação teórica. Por isso, defendemos como fundamental a formação sólida e diversificada do professor, para que ele seja capaz de selecionar e trabalhar com teorias relevantes que fundamentem o seu trabalho e que facilitem e favoreçam o aprendizado do estudante, que é o principal objetivo a ser alcançado.

Nessa pesquisa, optamos por tratar o conceito da polifonia refletindo como ele foi se desenvolvendo ao longo do tempo em diferentes correntes de pensamento, pontuando semelhanças e diferenças, mostrando as influências de um campo sobre o outro, justamente por considerarmos que a compreensão dessas noções pelo professor faz com que ele tenha a capacidade de lidar corretamente com o conceito, sem confundir, igualar ou aproximar as teorias e os autores de forma indevida, mas ao mesmo tempo saber fazer escolhas conscientes e adequadas para fundamentar o seu trabalho. Desse modo, queremos destacar as contribuições da polifonia, para o ensino da educação básica, baseados no capítulo anterior, tendo como foco o trabalho dos autores: Jacqueline Authier-Revuz e Oswald Ducrot.

O entendimento de que o ensino da língua deva ser realizado por meio de textos, orais ou verbais, que sejam reais e que circulem socialmente, é a direção adotada nessa pesquisa, pois entendemos o trabalho com textos como um dos pilares da aula de Língua Portuguesa. Então, a primeira contribuição que queremos destacar, tomando por base o trabalho de Jacqueline Authier-Revuz, é que o estudante precisa ainda na educação básica

entender que os textos são construídos por meio de outros textos, outras falas e outros discursos.

Ainda no desdobramento dessa reflexão, o estudante deve ser levado a entender que o texto produzido por ele, seja para fins escolares, profissionais ou pessoais, também é esse produto heterogêneo, que na sua constituição apresenta diversas fontes, mesmo que elas não estejam explicitadas. Desse modo, é preciso levá-lo a refletir que suas colocações, suas opiniões, sua forma de pensar e de escrever não é algo individual, autônomo ou particular, mas sim o reflexo do contato com o texto dos outros, da mesma forma, das colocações, das opiniões e da forma de pensar e de escrever dos outros.

Uma reflexão pertinente a essa questão e que também deve ser explorada pelo professor é fazer com que o estudante procure pensar e, quando possível, identificar quais são os discursos, os textos, as influências que ele apresenta na prática de escrita textual. Dessa forma, ele sendo instigando a pensar sobre isso e identificando em quais discursos ele se baseia, uma outra discussão pode ser realizada, que é a análise dessas possíveis fontes identificadas no texto do estudante, se são confiáveis, se são pertinentes, se são respeitadas com os direitos humanos, entre outros.

Consideramos ser mais produtivo o trabalho do professor, nessa perspectiva, com temas importantes como a democracia, a cidadania, o preconceito, a empatia, o bullying, etc. Essa proposta se alinha inclusive com os documentos normativos que já indicam o dever da escola e dos professores de tratar essas questões.

A segunda contribuição, também tomando por base o texto de Authier-Revuz, é o trabalho, em sala de aula, com o que a autora chama de heterogeneidade mostrada e marcada. O professor deve ajudar o estudante a desenvolver a capacidade de identificar esses elementos nos textos e de entender os efeitos de sentido gerados por essas escolhas, por exemplo, o uso de citação pode conferir ao texto credibilidade ou o uso das aspas pode trazer uma deslocação de sentido.

Igualmente relevante é trabalhar com as heterogeneidades mostradas e marcadas na perspectiva do estudante enquanto produtor do texto, para que ele desenvolva não somente a percepção para identificar e compreender o sentido nos textos dos outros, mas que ele seja capaz de usá-las de forma adequada em seus textos para gerar os efeitos de sentido desejados por ele.

### **3 Sugestão de Proposta Didática**

Nesse capítulo apresentaremos uma sugestão de proposta didática para ser aplicada em sala de aula, considerando a relevância das contribuições da polifonia para o ensino da leitura e da produção textual. Seleccionamos cinco textos, de diferentes gêneros textuais, e propomos uma leitura atenciosa, em que o professor pontue, juntamente com os estudantes, os índices de polifonia e de heterogeneidade mostrada encontradas nos textos, analisando-os e percebendo os efeitos de sentido realizados por meio dessas escolhas. A partir disso, propomos também que o estudante produza um texto em que faça uso desses recursos e explicita quais os efeitos de sentido que ele quis gerar.

Dessa forma, sugerimos que a atividade de leitura seja a primeira a ser desenvolvida, com o professor dispondo de quantas aulas forem necessárias, a fim de realizar um trabalho completo e profundo com os textos selecionados. A proposta pedagógica, no que se refere ao trabalho com leitura, apresentada nessa pesquisa, focaliza três aspectos: a identificação dos índices de polifonia e heterogeneidade mostrada, a análise desses índices e por fim uma reflexão sobre os efeitos de sentidos produzidos nos textos a partir dessas escolhas. Seguiremos essa ordem de raciocínio, destacando e analisando esses aspectos nos textos selecionados, a fim de apresentar uma proposta prática de ensino que pode contribuir para o trabalho do professor de Língua Portuguesa na sala de aula da educação básica.

Os cinco textos<sup>5</sup> selecionados para essa atividade fazem parte de um conjunto de gêneros textuais que estão de algum modo relacionados ao cotidiano, a realidade do dia a dia – editorial, notícia, crônica, texto publicitário e charge. Desse modo, sugerimos que o professor explore as temáticas dos textos, fazendo uma reflexão sobre esses assuntos, e também que faça uma abordagem sobre as características dos gêneros textuais o que pode contribuir para o entendimento dos textos de forma mais satisfatória. Não aprofundaremos nessas questões, por não ser o foco dessa pesquisa, mas deixamos essa sugestão por acreditarmos que todas essas abordagens podem auxiliar na formação dos estudantes enquanto leitores críticos.

O primeiro texto, do jornal online Gazeta do Povo, é um editorial – *A coragem dos cubanos* – que reflete sobre as manifestações populares, em Cuba, contra a ditadura no país. O editorial é um texto de cunho jornalístico que expressa um posicionamento diante de um determinado assunto, por isso propomos que a leitura desse texto seja

---

<sup>5</sup> Os textos selecionados para essa proposta de atividade estão integralmente nos anexos dessa pesquisa, com as devidas referências bibliográficas, pois no decorrer da análise faremos uso de apenas alguns trechos dos textos.

conduzida pelo professor de modo a levar o estudante a entender qual é a posição adotada no editorial em relação à ditadura cubana. E a partir dessa reflexão propor aos estudantes que identifiquem os índices de heterogeneidade mostrada presentes no texto e como esses índices colaboram para mostrar o posicionamento adotado no editorial.

O professor deve auxiliar os estudantes para que eles percebam que o locutor do editorial é desfavorável à ditadura cubana e manifesta repúdio em relação a represália sofrida pelos manifestantes. Desse modo, o locutor introduz enunciadores no texto, por meio de falas atribuídas à Che Guevara e ao ditador Miguel Díaz-Canel, para mostrar a crueldade da ditadura cubana, na opinião dele, desde a sua instauração até os dias atuais.

No primeiro parágrafo a fala atribuída a Che Guevara é um complemento ao raciocínio do locutor que ao mencionar a opressão sofrida pelos cubanos, por causa da ditadura comunista, traz a voz de uma das figuras mais emblemáticas da Revolução Cubana. O locutor desloca a fala de Che Guevara, do discurso de 1964, quando em pronunciamento na ONU, ele defende os propósitos e o avanço da revolução, para promover uma crítica ao regime que, na opinião do locutor, continua oprimindo e fuzilando os próprios cubanos que se manifestam contra o governo.

Oprimidos há pouco mais de seis décadas por um regime que fuzilou e seguiria fuzilando “até que seja necessário”, como se vangloriou Che Guevara em discurso nas Nações Unidas em 1964, os cubanos se levantaram neste domingo.

Outro ponto de destaque, que também é uma citação, é o trecho que reproduz a fala do ditador Díaz-Canel:

O regime respondeu com violência e repressão, incitadas pelo próprio ditador. “A ordem do combate é dada: às ruas os revolucionários. Terão de passar por cima de nossos cadáveres se querem enfrentar a revolução. Estamos dispostos a tudo”, afirmou Díaz-Canel.

Ao inserir essa voz no texto, o locutor prova a afirmação que de fato a violência e a repressão aos manifestantes foi uma ordem do governo, ou seja do ditador Díaz-Canel, e, dessa forma, o locutor produz o efeito da veracidade e da credibilidade. Ainda nesse trecho, é relevante considerar que as escolhas lexicais usadas por Díaz-Canel também trazem relação com o discurso da Revolução Cubana, por continuar falando de revolucionários e de revolução, embora o regime comunista governe o país há décadas.



No último parágrafo o recurso das aspas aparece novamente, num uso semelhante ao do primeiro parágrafo, pois o locutor traz ao texto falas atribuídas à Díaz-Canel sob a ótica do ditador acerca da manifestação, que considera delinquentes os manifestantes e que o governo deu a resposta que eles mereciam, então o locutor desloca essas expressões, por meio do uso das aspas, da fala do ditador para construir no enunciado o seu posicionamento. Segue o trecho:

As prisões e o corte da internet continuavam nesta segunda-feira, segundo relatos daqueles que conseguiam driblar as restrições, enquanto o ditador dizia que os “delinquentes” que ousaram pedir liberdade no domingo “tiveram a resposta que mereciam”.

O segundo texto, da revista online *Veja*, é uma notícia com o título: *Donos de bares e casas noturnas reclamam de critérios para abertura em SP*. Também de cunho jornalístico, a notícia é um gênero textual que apresenta, de modo geral, uma informação relevante para a sociedade. Diferente do editorial, a notícia é um texto mais imparcial e mais objetivo – é o relato de um fato e não de uma opinião. Desse modo, é importante observar que nessa notícia o recurso da citação por meio das aspas é bem utilizado, mas produzindo um efeito de sentido diferente daqueles observados no editorial – *A coragem dos cubanos*.

Como o próprio título da notícia sintetiza, a informação veiculada por esse texto se refere às reclamações dos donos de bares e casas noturnas, localizados na cidade de São Paulo, acerca dos critérios adotados pelo governo para a flexibilização das medidas sanitárias de combate ao novo coronavírus. Dessa forma, o texto apresenta diversas citações, introduzidas por meio das aspas, em que as fontes dessas falas são expressas no texto, justamente para fornecer credibilidade a notícia.

No primeiro parágrafo, o texto traz as informações sobre a flexibilização no que se refere às restrições de horário e de ocupação dos clientes nos comércios e explica como o governo chegou a essa conclusão, atribuindo a decisão ao governador de São Paulo – João Dória. Essa medida favorece o setor de bares, casas noturnas e restaurantes.

As outras vozes são introduzidas na sequência, justamente para promover o efeito de verdade, muito comum em textos desse gênero. O locutor insere os comentários de outros enunciadores como forma de fundamentar a notícia, e escolhe para esse fim, propositalmente, empresários e pessoas ligadas ao setor em questão, como Edgard Radesca, que é dono de um espaço em que funcionam um restaurante e uma casa de jazz;

Facundo Guerra, que é CEO de um grupo dono de casas noturnas; e Paulo Solmucci, que é o presidente da Abrasel (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes). Seguem os trechos, respectivamente:

“Eu acho que a nova medida é favorável, mas poderia ter sido feita antes”, afirma. “O horário de funcionamento não é o que vai definir a contaminação ou não do cliente. É melhor, inclusive, que ele fique no restaurante, que é um ambiente protegido, do que saia em determinado horário e acabe parando em um bar clandestino, posto de gasolina ou balada ilegal”, reitera.

“Eu não entendo os motivos dessa limitação ao funcionamento à noite. Não há uma justificativa técnica por trás disso”, diz ele, que é dono do Bar dos Arcos e um dos responsáveis pela revitalização do Mirante 9 de Julho, espaço tradicional da cultura paulistana. “Eu imagino que os técnicos talvez pensem que se as pessoas se alcoolizarem demais, elas acabam ficando mais displicentes ou menos cuidadosas. Pela minha experiência como dono de bar, se alguém está a fim de ‘encher a cara’, o horário não será um impeditivo”.

Para Paulo Solmucci, presidente nacional da entidade, a restrição de horário, que irá perdurar até o dia 16 de agosto, trata-se de “um conservadorismo sem o menor sentido e que só traz prejuízos ao setor”. “O que nos preocupa é que 56% das empresas estão com prejuízos por conta dessas restrições. Isso tem trazido riscos para a continuidade dos negócios”, alerta.

O terceiro texto é uma crônica, de Cecília Meirelles, que reflete sobre a palavra liberdade, sua relação com os homens, possíveis sentidos e significados. A crônica é um gênero textual literário que geralmente traz reflexões acerca de situações e de temas do cotidiano, além disso são textos curtos e de linguagem simples.

Nesse texto, diferente da notícia, as vozes são introduzidas não para formar um encadeamento de relatos com a finalidade de fundamentar a informação abordada pelo texto, mas sim para apresentar diferentes pontos de vistas em relação ao conceito de liberdade.

No segundo parágrafo da crônica o locutor faz uso da expressão “Diz-se”, que expressa uma indeterminação, para introduzir no texto diferentes ideias de liberdade que são tidas como senso comum, já que não há uma fonte específica para se atribuir esses dizeres. Segue o trecho:

Diz-se que o homem nasceu livre, que a liberdade de cada um acaba onde começa a liberdade de outrem; que onde não há liberdade não há pátria; que a morte é preferível à falta de liberdade; que renunciar à liberdade é renunciar à própria condição humana; que a liberdade é o maior bem do mundo; que a liberdade é o oposto à fatalidade e à escravidão; nossos bisavós gritavam “Liberdade, Igualdade e Fraternidade!”; nossos avós cantaram: “Ou ficar a Pátria livre / ou morrer pelo Brasil!”; nossos pais pediam: “Liberdade!

Liberdade! / abre as asas sobre nós”, e nós recordamos todos os dias que “o sol da liberdade em raios fúlgidos / brilhou no céu da Pátria...” em certo instante.

Ainda no trecho acima, vemos que outros enunciadores são inseridos, com a mesma intenção de continuar atribuindo sentido a palavra liberdade numa ampliação da reflexão sobre o tema. As fontes desses dizeres são apresentadas para mostrar que há nessas significações ideias que são compartilhadas coletivamente, como pelo nossos bisavós, avós, pais e até por nós mesmos. E nesse trecho essas vozes mencionam lemas e hinos nacionais do Brasil a fim de mostrar que a ideia de liberdade também está presente na construção de uma pátria democrática.

O quarto texto é um post do facebook – gênero que surgiu a partir da evolução da tecnologia, que possibilitou novas formas de comunicação e de interação entre as pessoas. O post que analisamos foi publicado na página *Eu Salto Alto – Mulheres de Negócio* e é usado como uma forma de motivar, de provocar a reflexão dos seguidores da página. O texto em questão – “Eu sou a “Maria” que não vai com as outras” – remete claramente ao dito popular “Maria vai com as outras”<sup>6</sup>, que é uma expressão tradicionalmente usada no Brasil para designar pessoas influenciáveis, sem opinião e sem comportamentos próprios. Dessa forma, o post é usado justamente para provocar o sentido contrário a isso, incentivando os seguidores a agirem de forma diferenciada, seguindo os seus próprios critérios.

Esse texto permite o trabalho de forma bem explícita com a intertextualidade, pois é fácil fazer com que os estudantes percebam a relação entre os discursos e outras vozes evocadas entre o texto que selecionamos e o dito popular. Outro ponto de análise é o deslocamento do termo “Maria”, que vindo entre aspas ganha um destaque e uma individualidade, no sentido de que a referência é feita a uma Maria específica, aquela que não vai com as outras.

O último texto é uma charge que reflete sobre a situação de vulnerabilidade dos moradores de rua, principalmente no inverno. A charge é um gênero que se insere no debate jornalístico, geralmente aborda fatos políticos ou sociais que sejam atuais e relevantes e que já estão sendo veiculados em outros meios de comunicação.

Nesse caso, a charge faz referência a dois acontecimentos, um social e outro político. Por um lado, é retratado a situação do morador de rua, que durante o inverno

---

<sup>6</sup> A origem da expressão é associada à família real Portuguesa, pois quando a rainha Maria I saía para passear, ela era acompanhada por suas damas de companhia. Dessa forma, diziam que a rainha ia com as outras, originando assim “Maria vai com as outras”.

sofre mais pela falta de agasalhos e de cobertores, e que sendo visto naquela situação por outro personagem não recebe ajuda. Esse personagem diz: “Agasalho e cobertor eu não tenho, mas fica tranquilo que farei uma nota de repúdio a esse frio terrível”. Nessa fala, o personagem faz referência a um acontecimento político, que tem sido veiculado em outros textos jornalísticos, que é o fato de pessoas e entidades públicas publicarem apenas notas de repúdio diante de injustiças, de erros e de até mesmo crimes no cenário político brasileiro. É importante que o estudante consiga perceber esse diálogo entre os discursos, pois sem esse entendimento a charge não poderá ser compreendida plenamente.

Além disso, outro recurso que deve ser considerado na construção de sentido da charge é o da ironia, pois quando é dito “mas fica tranquilo que farei uma nota de repúdio a esse frio terrível”, outras vozes são evocadas, as vozes desses outros textos com os quais a charge se relaciona. Dessa forma, o enunciado produz o sentido da crítica, do julgamento, da não concordância ao comportamento a que ele faz referência.

Após o desenvolvimento dessa atividade de leitura, em que o professor deverá pontuar, na análise dos textos, todas as questões apresentadas acima, propomos que seja desenvolvida uma atividade de escrita para que os estudantes tenham a oportunidade de praticar em seus textos o uso dos recursos da polifonia. Acreditamos que perceber como esse uso ocorre em outros textos e para quais finalidades, auxilia o estudante na compreensão de como desenvolver essas estratégias em seu texto, de acordo com as finalidades de sua escrita.

#### **4 Considerações Finais**

O ensino de Língua Portuguesa, na educação básica, deve ser realizado com base nos documentos normativos e nas teorias literárias e linguísticas pertinentes. O trabalho em sala de aula exige que o professor seja comprometido com esses fundamentos que norteiam a sua prática docente a fim de elaborar e de propor atividades relevantes para o desenvolvimento da criticidade e da autonomia dos estudantes no que se refere à leitura, à compreensão e à produção textual.

A abordagem do conceito da polifonia e as reflexões que se relacionam com ela, da forma como foi realizada nesse trabalho, por meio do percurso entre diferentes autores e teorias, pode auxiliar o professor nesse processo. A escolha por traçar essa trajetória do termo, pontuando semelhanças e diferenças entre os autores, tem por finalidade a tentativa de tornar o conceito mais claro e sua utilização mais facilitada. Além disso, acreditamos ser relevante a reflexão proposta no que se refere às possíveis formas desse trabalho ser

desenvolvida na sala de aula e que outros professores podem ser inspirados e instigados por meio dessa contribuição.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo, 2003. Parábola Editorial.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. Cad. Est. Ling., Campinas, (19): 25-42, jul./dez. 1990.
- BARBI, Sílvia Helena. *A teoria polifônica de Ducrot e a análise do discurso*. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, volume 8, nº 1, jan./jun.1999.
- BARBISAN, Leci Borges; TEXEIRA, Marlene. *Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot*. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Rio Grande do Sul, volume 16, nº 32-33, 2002.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional*. Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
- KOCH, Ingedore Villaça. *As tramas do texto*. São Paulo, 2014. Editora Contexto.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, 2018. Editora Contexto
- MARCUZZO, Patrícia. *Diálogo inconcluso: Os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin*. Caderno do Instituto de Letras, Rio Grande do Sul, n. 36, p. 2-10, junho de 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo, 1996, Editora Martins Fontes.
- PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. *Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia*. Revista Estudos Semióticos, São Paulo, volume 6, nº2, p. 66-6, novembro de 2010.
- ROMAN, Artur Roberto. *O conceito de polifonia em Bakhtin – o trajeto polifônico de uma metáfora*. Paraná, 1993. Editora da UFPR.

## ANEXOS

### ANEXO A

#### TEXTO 1

##### **A coragem dos cubanos**

Oprimidos há pouco mais de seis décadas por um regime que fuzilou e seguiria fuzilando “até que seja necessário”, como se vangloriou Che Guevara em discurso nas Nações Unidas em 1964, os cubanos se levantaram neste domingo. Pediram mais qualidade de vida – o que demonstra o quanto de propaganda e o quanto de realidade existe em tudo o que se diz sobre a saúde e a educação em Cuba –, mas, acima de tudo, pediram a liberdade que lhes é negada desde que se instalou no país a ditadura dos Castro, comandada agora por Miguel Díaz-Canel. E o regime respondeu com aquela mesma violência que Guevara, figura que ainda seduz tantos também no Brasil, havia admitido diante do palco global da ONU.

Estas certamente são as maiores manifestações de rua desde 1994, quando Cuba vivia uma forte crise econômica depois que a fonte de dinheiro soviético havia secado, com o colapso do totalitarismo comunista na Europa Central e Oriental, mas há quem as considere as maiores desde o início da ditadura cubana. O país está sendo atingido pela terceira onda da Covid-19, faltam alimentos e medicamentos, há apagões de energia elétrica e falhas constantes na conexão de internet, e a inflação está em alta.

Presos em sua ilha, os cubanos merecem ser finalmente livres, e os protestos de domingo são um primeiro grito de um povo que já foi escravo por tempo demais

A propaganda oficial segue culpando as sanções norte-americanas pela escassez generalizada, mas ela é apenas mais uma confirmação de uma verdade comprovada em todo o mundo, em diversas décadas: o caos que o socialismo impõe às nações que o adotam, mesmo quando têm riquezas naturais mais que suficientes para gerar riqueza – como ocorre na Venezuela, mas não em Cuba. E os cubanos que foram às ruas em várias cidades do país estão conscientes disso. Eles já não se contentariam caso as condições de vida melhorassem na ilha e, ainda assim, a ditadura do Partido Comunista seguisse negando-lhes as liberdades mais básicas.

O regime respondeu com violência e repressão, incitadas pelo próprio ditador. “A ordem do combate é dada: às ruas os revolucionários. Terão de passar por cima de nossos cadáveres se querem enfrentar a revolução. Estamos dispostos a tudo”, afirmou Díaz-Canel. A internet móvel foi cortada em todo o país, dificultando a convocação para que mais cubanos se juntassem aos protestos e impedindo o compartilhamento de cenas das manifestações e da pancadaria que se lhes seguiu. Várias pessoas foram presas, levadas em veículos oficiais ou particulares. A ação das forças de segurança deixou vários feridos. Apoiadores da ditadura também fizeram sua parte, agredindo jornalistas que cobriam os protestos. As prisões e o corte da internet continuavam nesta segunda-feira, segundo relatos daqueles que conseguiam driblar as restrições, enquanto o ditador dizia que os “delinquentes” que ousaram pedir liberdade no domingo “tiveram a resposta que mereciam”.

Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/editoriais/a-coragem-dos-cubanos/>

Acesso: 26/07/2021

## ANEXO B

### TEXTO 2

#### **Donos de bares e casas noturnas reclamam de critérios para abertura em SP**

Governador do estado, João Doria flexibilizou restrição de horário e ocupação dentro dos estabelecimentos; medidas valem a partir de 1º de agosto.

Por Felipe Mendes Atualizado em 28 jul 2021, 19h44 - Publicado em 28 jul 2021, 19h43

O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), anunciou, na tarde desta quarta-feira, 28, o fim das restrições de horário e ocupação de clientes ao comércio — protocolos como o uso de máscaras e álcool em gel ainda são indispensáveis. As novas orientações para jornada já entram em vigor no dia 1º de agosto, enquanto a liberação total para os estabelecimentos valerá a partir do dia 17 do próximo mês — a taxa de ocupação permitida hoje é de 60%, mas será de 80% a partir de 1º de agosto. Desde o início da pandemia, o governo do estado tem adotado critérios específicos, como a taxa de ocupação de leitos de UTI e o número de casos de covid 19, para definir o funcionamento dos segmentos do comércio. Donos de bares, restaurantes e casas noturnas, no entanto, ainda reclamam da falta de clareza em relação aos critérios utilizados para o horário de funcionamento dos estabelecimentos. Entre os empresários, paira o sentimento de que alguns setores foram ‘vilanizados’.

Para Edgard Radesca, dono do espaço Bourbon Street, que funciona como casa de jazz e restaurante, a flexibilização é positiva, mas um tanto demorada. “Eu acho que a nova medida é favorável, mas poderia ter sido feita antes”, afirma. “O horário de funcionamento não é o que vai definir a contaminação ou não do cliente. É melhor, inclusive, que ele fique no restaurante, que é um ambiente protegido, do que saia em determinado horário e acabe parando em um bar clandestino, posto de gasolina ou balada ilegal”, reitera. A casa teve perda de cerca de 70% de seu volume de clientes e faturamento em relação ao que registrava antes da pandemia. Com a flexibilização, ele afirma que poderá intensificar a abertura às sextas-feiras. “Estamos fazendo alguns testes”.

O argentino Facundo Guerra, CEO do Grupo Vegas, é outro que admite não entender os critérios adotados para a flexibilização do Plano São Paulo, usado pelo governo para determinar o funcionamento dos diferentes segmentos de comércio e serviços no estado. “Eu não entendo os motivos dessa limitação ao funcionamento à noite. Não há uma justificativa técnica por trás disso”, diz ele, que é dono do Bar dos Arcos e um dos responsáveis pela revitalização do Mirante 9 de Julho, espaço tradicional da cultura paulistana. “Eu imagino que os técnicos talvez pensem que se as pessoas se alcoolizarem demais, elas acabam ficando mais displicentes ou menos cuidadosas. Pela minha experiência como dono de bar, se alguém está a fim de ‘encher a cara’, o horário não será um impeditivo”. O Grupo Vegas ainda é dono de casas noturnas como Lions Nightclub, Yacht e Cine Joia, que só voltarão à cena quando a taxa de vacinação no estado chegar a 100% dos habitantes. “A gente não está em um momento de celebração. Não há justificativa moral para abertura de boates e casas de show neste momento.”



A Associação Brasileira de Bares e Restaurantes, a Abrasel, contabiliza pelo menos 335 mil estabelecimentos fechados no setor. Cerca de 50 mil unidades foram encerradas no estado de São Paulo, enquanto 12 mil bares e restaurantes fecharam as portas na capital paulista. Para Paulo Solmucci, presidente nacional da entidade, a restrição de horário, que irá perdurar até o dia 16 de agosto, trata-se de “um conservadorismo sem o menor sentido e que só traz prejuízos ao setor”. “O que nos preocupa é que 56% das empresas estão com prejuízos por conta dessas restrições. Isso tem trazido riscos para a continuidade dos negócios”, alerta.

Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/economia/donos-de-bares-e-casas-noturnas-reclamam-de-criterios-para-abertura-em-sp/>

Acesso: 28/07/21

## ANEXO C

Deve existir nos homens um sentimento profundo que corresponde a essa palavra LIBERDADE, pois sobre ela se têm escrito poemas e hinos, a ela se têm levantado estátuas e monumentos, por ela se tem até morrido com alegria e felicidade.

Diz-se que o homem nasceu livre, que a liberdade de cada um acaba onde começa a liberdade de outrem; que onde não há liberdade não há pátria; que a morte é preferível à falta de liberdade; que renunciar à liberdade é renunciar à própria condição humana; que a liberdade é o maior bem do mundo; que a liberdade é o oposto à fatalidade e à escravidão; nossos bisavós gritavam “Liberdade, Igualdade e Fraternidade!”; nossos avós cantaram: “Ou ficar a Pátria livre / ou morrer pelo Brasil!”; nossos pais pediam: “Liberdade! Liberdade! / abre as asas sobre nós”, e nós recordamos todos os dias que “o sol da liberdade em raios fúlgidos / brilhou no céu da Pátria...” em certo instante.

Somos, pois, criaturas nutridas de liberdade há muito tempo, com disposições de cantá-la, amá-la, combater e certamente morrer por ela.

Ser livre como diria o famoso conselheiro... é não ser escravo; é agir segundo a nossa cabeça e o nosso coração, mesmo tendo de partir esse coração e essa cabeça para encontrar um caminho...

Enfim, ser livre é ser responsável, é repudiar a condição de autômato e de teleguiado é proclamar o triunfo luminoso do espírito. (Suponho que seja isso.)

Ser livre é ir mais além: é buscar outro espaço, outras dimensões, é ampliar a órbita da vida. É não estar acorrentado. É não viver obrigatoriamente entre quatro paredes.

Por isso, os meninos atiram pedras e soltam papagaios. A pedra inocentemente vai até onde o sonho das crianças deseja ir (Às vezes, é certo, quebra alguma coisa, no seu percurso...)

Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora (muito de outrora!...) não acreditavam que se pudesse chegar tão simplesmente, com um fio de linha e um pouco de vento!

Acontece, porém, que um menino, para empinar um papagaio, esqueceu-se da fatalidade dos fios elétricos e perdeu a vida.

E os loucos que sonharam sair de seus pavilhões, usando a fórmula do incêndio para chegarem à liberdade, morreram queimados, com o mapa da Liberdade nas mãos!

São essas coisas tristes que contornam sombriamente aquele sentimento luminoso da LIBERDADE. Para alcançá-la estamos todos os dias expostos à morte. E os tímidos preferem ficar onde estão, preferem mesmo prender melhor suas correntes e não pensar em assunto tão ingrato.

Mas os sonhadores vão para a frente, soltando seus papagaios, morrendo nos seus incêndios, como as crianças e os loucos. E cantando aqueles hinos, que falam de asas, de raios fúlgidos linguagem de seus antepassados, estranha linguagem humana, nestes andaimes dos construtores de Babel...

(MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho*. Editora Global. São Paulo. 2016, pág. 15 - 16)

## ANEXO D

### TEXTO 4

Eu Salto Alto - Mulheres de Negócio  
1 de fevereiro de 2017 · 🌐

"Eu sou a "Maria" que não vai com as outras"  
Post provocativo o de hoje 😊...para refletir se estamos lidando e agindo da nossa forma. Você tem o poder de tomar suas próprias atitudes e seguir os seus princípios. Dos outros busque absorver aquilo que faz sentido para você! Nada mais.

#eusaltoalto #provocativo #empoderamento #aprendizado #pensamentos #agir #controle #davida #mulherempreendedora #negocios #foco #coaching #riodejaneiro #barradatjuca #tjuca #recreiodosbandeirantes #zonasulrj #2017

👍❤️ 69 2 comentários 21 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Mais relevantes ▾

Simone Silva Vdd  
Curtir · Responder · 4 a

Disponível em:

<https://www.facebook.com/eusaltoalto/photos/a.738694506217542/1225106414243013>

Acesso em: 27/07/21

**ANEXO E sim**

**TEXTO 5**



Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-03-08-2021-1.2521970>

Acesso: 03/08/21